

## CORREIO ESPORTIVO

## IMPARÁVEL

Aos 18 anos, João Fonseca acrescenta novos recordes a sua ainda breve carreira com a vitória no Challenger de Phoenix, após bater Alexander Bublik na decisão por 2 sets a 0. O carioca se tornou o segundo jogador mais jovem da América do Sul a conquistar três títulos do ATP Challenger Tour, com 18 anos e seis meses. Ele superou Guillermo Coria (18 anos e 10 meses) e fica atrás apenas de Juan Martin Del Potro, que atingiu o feito aos 17 anos e 10 meses.

João Fonseca também passa a ser o quinto jogador mais jovem a vencer mais de um Challenger em uma única temporada



Pete Staples / USTA

João Fonseca quebrando recordes

desde 2018, ficando atrás de Carlos Alcaraz, Jannik Sinner, Félix Auger-Aliassime e Holger Rune.

Outro recorde alcançado com o título de Phoenix é o de primeiro jogador a vencer um ATP 250, um Challenger 175 e um Challenger 125 na mesma temporada. Em 2025, ele já conquistou o ATP de Buenos Aires, o Challenger de Camberra e, agora, o Challenger de Phoenix.

## Prioridade

Após cinco anos longe das competições continentais, o Vasco retornará a um torneio Conmebol na disputa pela Copa Sul-Americana. A diretoria Cruzmaltina definiu o torneio como a prioridade da temporada.

## Amistoso

O Botafogo fará um amistoso contra o Coritiba neste sábado (22), no Nilton Santos, com presença de público. As vendas abrem nesta terça (18) e os sócios não pagam, basta fazer o check-in pelo site.

## Mentores

À Fifa, Filipe Luís disse que está ansioso para encarar o Chelsea, seu ex-clubes, pelo Flamengo no Supermundial. Ele também disse que seria 'especial' enfrentar seus 'mentores', Diego Simeone e Jorge Jesus.

## Bom caminho

Mesmo com o vice no Carioca, o técnico Mano Menezes acredita que o Fluminense está 'em um bom caminho para melhorar' ao longo da temporada. Ele ressaltou as qualidades do rival na final.

## Lewis revoluciona a Ferrari

Chegada do britânico trouxe uma série de mudanças na Ferrari

Por Rodrigo França  
(Folhapress)

O GP da Austrália de F1, disputado neste domingo em Melbourne, abriu a temporada 2025 com uma marca: a estreia do piloto mais vitorioso de todos os tempos, Lewis Hamilton, na única equipe a competir em todos os campeonatos desde a criação da categoria, em 1950: a Ferrari. O resultado, é bem verdade, foi abaixo do esperado pelos milhões de fãs: décimo lugar para o heptacampeão mundial. Seu companheiro de equipe, Charles Leclerc, também esteve em dia de dificuldades e foi apenas o oitavo, fazendo deste início de temporada o pior da equipe italiana desde 2009. Mas a chegada de Hamilton na Ferrari colocou o time em um outro patamar de destaque e atenção ao longo do



Divulgação/Ferrari

Lewis Hamilton estrou pela Ferrari no GP da Austrália de F1

final de semana em Melbourne.

A começar pela rotina do time. A mais tradicional das escuderias providenciou mudanças no final de semana de corrida e em sua sede, em Maranello, para deixar a vinda de

Hamilton a mais confortável possível. Isso incluiu a volta do trabalho da fisioterapeuta Angela Cullen, que esteve com o inglês em boa parte de sua carreira, mas havia sido afastada nos anos finais da Mercedes.

Outra mudança tem a ver com a alimentação: adepto de uma dieta a base de plantas, Hamilton tem menu especial para suas refeições nas corridas e mesmo nos tradicionais restaurantes frequentados pelos pilotos em Maranello, incluindo pizza vegana. A mudança incluiu até uma adição no cardápio do tradicional Montana, que fica próximo ao circuito de Fiorano, a pista de testes particular da Ferrari na Itália.

E foi na comida que a adaptação de Hamilton na equipe está sendo melhor do que o esperado. Questionado sobre como o inglês estaria se adaptando ao jeito italiano de trabalhar nas corridas, o chefe de equipe da Ferrari, Frederic Vasseur, brincou: "acho que não é nenhum drama se adaptar à comida italiana quando você vem do Reino Unido".

## Conmebol e Palmeiras medem forças

O Palmeiras pediu, mas a Conmebol negou a promessa de que não haverá jogos do time brasileiro pela Libertadores no dia 1º de abril.

A reportagem apurou que a iniciativa do clube paulista foi tentar evitar que a estreia na fase de grupos aconteça já na terça-feira da semana que começa a competição continental.

Essa negativa, na visão da Conmebol, ajuda a encorpar um movimento da presidente do Palmeiras, Leila Pereira, contra a atual gestão da entidade sul-americana.

Sobre a tabela, na perspectiva

da Conmebol, não foi possível atender o pedido palmeirense porque o sorteio da fase de grupos ainda nem tinha acontecido.

De todo modo, a entidade entende que o detalhamento da tabela é resultado da definição das emissoras detentoras dos direitos de transmissão.

Esse quebra-cabeça é montado a partir dos cruzamentos de cada rodada - o que depende logicamente do próprio sorteio.

Assim, a Conmebol não fez promessas prévias ao Palmeiras e, nos bastidores, vê o boicote da presidente Leila Pereira ao sor-

teio de hoje como mais um elemento na guerra política. Uma espécie de retaliação.

Da parte do Palmeiras, Leila disse que não irá ao Paraguai em protesto contra a punição (considerada branda) ao Cerro Porteño, após o episódio de racismo contra o atacante Luighi, na Libertadores Sub-20.

Vale lembrar que a revolta de Leila também envolveu a sugestão ao futebol brasileiro de deixar a Conmebol e se filiar à Concacaf - confederação que reúne Américas do Norte, Central e Caribe.

Para o Palmeiras, seria impor-

tante iniciar um efeito dominó nas datas entre o fim de março e o começo de abril.

Se tivesse a garantia de que não jogaria no dia 1º de abril, o Palmeiras poderia alegar junto à CBF que o duelo com o Botafogo, na primeira rodada do Brasileiro, poderia sair do dia 29 (sábado) para o dia 30 de março (domingo).

Isso geraria um descanso a mais para o time paulista, que fará a segunda partida da final do Estadual no dia 27 (quinta).

Por Igor Siqueira  
(Folhapress)

## INTERNACIONAL

## CORREIO NO MUNDO

## INFANTILIDADE

As páginas da Casa Branca e do perfil oficial do presidente dos EUA, Donald Trump, nas redes sociais publicaram imagem que remove a fotografia do democrata Joe Biden de uma galeria de chefes do Executivo americano.

A publicação mostra os retratos oficiais de Trump do primeiro mandato e da gestão atual. No meio deles, onde deveria constar o retrato de Biden, aparece a imagem de uma caneta automática fazendo a assinatura do ex-presidente.

O 'autopen' é um dispositivo que faz assinaturas em série.

O post compartilhado

## Barbárie I

Beatriz Blanco, 87, sofreu um traumatismo craniano e perdeu a consciência durante a manifestação. Ela participava de um protesto pacífico quando foi atingida por um golpe de cassetete na cabeça. O momento viralizou.

## Barbárie III

Socorrida por manifestantes, ela foi levada ao Hospital Médico Policial Churrucá Visca, mas não recebeu atendimento adequado. Então, foi transferida para o Hospital Argerich, onde foi constatado o traumatismo craniano.

## Barbárie II

O Advogado da idosa agredida durante um protesto de aposentados em Buenos Aires entrou com uma ação contra a ministra da Segurança da Argentina, Patricia Bullrich, e os responsáveis pelo operativo policial. A idosa desmaiou.

## Protesto

Milhares de pessoas fizeram uma passeata em protesto no lêmên. A manifestação foi contra as ameaças e ataques do presidente dos EUA, Donald Trump, que bombardeou o país há poucos dias para atacar os houthis.



Reprodução/ Truth

Trump removeu a foto de Biden das redes oficiais

pelo perfil da Casa Branca foi originalmente publicado na conta pessoal de Trump em sua rede social, a Truth, e fixado no topo do perfil do republicano.

Antes, na sexta-feira (14), Trump havia publicado uma mensagem sobre o mesmo assunto: "A pessoa que foi o real presidente durante os anos de Biden foi a pessoa que controlou o autopen!".

## Guerra às drogas nas Filipinas

A estratégia teve efeito contrário e aumentou a violência por lá

Por Daniela Arcanjo, Vitor Antonio e Nicholas Pretto  
(Folhapress)

A guerra às drogas do ex-presidente das Filipinas Rodrigo Duterte, atualmente preso em Haia enquanto é julgado pelo TPI (Tribunal Penal Internacional), foi responsável por 75,6% dos eventos violentos contra civis ao longo de seu mandato, de 2016 a 2022.

Durante seu governo, houve ao menos 7.952 episódios de violência contra civis causados por milícias, grupos criminosos ou pelo próprio governo, de acordo com informações reunidas pelo Aclad (Dados de Localização e Eventos de Conflitos Armados, na sigla em inglês), com base em jornais filipinos e internacionais, e analisadas pela Folha. Desses, 6.015 tinham alguma relação com drogas.

O número é desproporcional ao tamanho do problema de dependência química no



Reuters/Folhapress

População pede a condenação de Duterte pela chacina

país asiático, de acordo com especialistas. A nação não sofria uma epidemia de drogas quando Duterte chegou ao poder com uma campanha na qual pediu para a população "esquecer os direitos humanos" para combater o tráfico.

Segundo dados oficiais, 6.200 suspeitos foram mortos

durante operações antidrogas nos seis anos em que o ex-presidente liderou o país, mas os números estimados pela sociedade civil são maiores.

De acordo com o Aclad, por exemplo, 8.388 pessoas morreram nesse período por ações do governo ou de milícias possivelmente associadas ao Estado em

casos relacionados a drogas, enquanto organizações de direitos humanos falam em até 30 mil.

A diferença nos números se deve às circunstâncias suspeitas em que ocorreram muitos dos assassinatos - alguns realizados por milícias ou grupos dos chamados "vigilantes antidrogas". Ao longo de seu mandato, familiares de vítimas, muitas vezes acompanhados de jornalistas, exumaram os corpos de seus parentes para investigar mortes registradas como naturais. Em diversos casos, os corpos tinham marcas que indicavam mortes violentas.

"Uma parte significativa dos mortos nem sequer estava envolvida no tráfico de drogas. Eles morreram apenas porque, um ano antes, por exemplo, alguém disse à polícia que eles tinham relação com tráfico", afirma Joel Ariate, pesquisador e membro do projeto Dahas, que acompanha a violência relacionada a drogas nas Filipinas.

## Representa 75% da violência contra civis

A manança rendeu a Duterte uma investigação no TPI, corte sediada em Haia responsável por processar indivíduos devido a violações que incluem crimes contra a humanidade e genocídio, por exemplo. Sua defesa repete o que o líder costuma dizer quando questionado sobre possíveis ilegalidades em suas medidas - ele não teria ordenado que a polícia matasse suspeitos de tráfico, a menos que fosse em legítima defesa.

A declaração diverge das frases de sua vitoriosa campanha nas eleições de 2016. Naquele

ano, ele prometeu perdão aos integrantes da força de segurança envolvidos em "homicídios múltiplos" e falou, em entrevista à agência de notícias Reuters, em "matar cinco criminosos por semana".

Foi o tipo de retórica que, segundo o pesquisador de direitos humanos Karl Arvin F. Hapal, professor assistente da Universidade das Filipinas, rendeu popularidade ao político em um país em que a violência era um problema com frequência sobreposto a outros, como desemprego e inflação.

"O que Duterte fez foi colo-

car o crime violento - especificamente aqueles perpetrados por dependentes químicos - no centro do discurso público. As histórias macabras que ele contava tornaram esse tipo de crime uma questão emocional que apela a muitos filipinos, especialmente porque diz respeito à segurança pessoal", afirma Hapal.

Em 2015, antes de o líder chegar ao poder, cerca de 1,8 milhão de pessoas eram usuárias de drogas no país, de acordo com a Pesquisa Nacional sobre a Natureza e a Extensão do Abuso de Drogas da Presidência - isso em

um universo de 110 milhões de pessoas que moram no arquipélago do oceano Pacífico. O número não é alarmante, o que não o impediu de colocar o usuário de drogas como alvo de seu governo. Nos primeiros meses de seu governo, casos de violência dispararam nas Filipinas. O pico ocorreu entre julho de 2016 e outubro de 2017, chegando ao máximo de 34 eventos no dia 3 de agosto de 2016. Entre todos os dias analisados, 75% dos eventos registrados tiveram a morte de pelo menos uma pessoa.